

Crónica 195 10 de junho na colónia açoriana 9.6.18

Dantes, ao descobrirem terras a colonizar, os navegantes portugueses levavam padrões de descobrimentos assinalando a posse e futura conquista e missionação das terras, ora bem nas celebrações do dia 10 de junho de 2018, trouxeram de Portugal uma bandeira enorme que vão hastear no único mastro existente no local. Isso não dará a oportunidade se hastear a bandeira deste arquipélago, símbolo dos Açores e do povo açoriano, que se diz ser da Região Autónoma dos Açores.

Um jornal local comentava o alheamento da população face ao 10 de junho, mais um feriado, que se celebra como o 5 de outubro ou o 1º de dezembro datas importantes para Portugal para sem grande ligação a este povo açoriano, para quem os feriados importantes são a segunda feira do Senhor Santo Cristo, Pentecostes, as datas dos padroeiros das freguesias quando se realizam as comunhões dos filhos da terra, e as festas anuais de cada freguesia. Aí está a alma do açoriano em qualquer ilha.

D. Pedro IV também cá esteve, veio arrecadar dinheiro e pessoas para a sua causa, já que ninguém em Portugal estava na disposição de lhe dar um tostão. Quando D. Carlos veio aos Açores, o povo foi ver um homem que só existia no seu imaginário. Quando Óscar Carmona visitou o arquipélago dos Açores agosto de 1941 e Craveiro Lopes em 1957 a sensação que deixou nas populações foi a da vinda de um forasteiro que veio lembrar aos locais que isto são terras de Portugal, mas "isto é Açores antes de ser Portugal". Marcelo Caetano também por aqui andou, mas por razões diferentes, que não vale a pena recordar. Hoje veio o Presidente que tira selfies com o povo, os senhores da terra, como noutras ocasiões vão ao beija-mão que fica bem nas fotos oficiais do evento e nas imagens televisivas, sempre sabujamente agradecidos pelas esmolas que Lisboa oferece aos insulares. Teremos teatro de nos próximos dias. E há entre nós personagens dispostos a renegar a sua essência para assim poderem tirar proveitos. Como hoje escrevia Rui M Medeiros: *"A História está cheia de Brutus e Judas. Estes tiveram proveitos imediatos, mas o tempo encarregou-se de os colocar no seu devido lugar."*

Ou como escreveu ontem Roberto Y. Carreiro *"Segundo um vizinho meu, antigo operacional dum movimento independentista e testemunha desses tempos conturbados do PREC, o aparato militar, securitário e de espionagem, que está montado na cidade de Ponta Delgada, faz-lhe lembrar os tempos áureos das campanhas de «dinamização cultural» a cargo da 5ª divisão. Tal como no passado, os forasteiros, trazem orquestras, bandas, palhaços, muita propaganda e orador convidado. Como nesse outro tempo as «autoridades locais» abrem a cancela para entrar essas aves de arribação..."*

Por outro lado, o belicismo de mais de mil militares e armamento dos três ramos das FA (Forças Armadas) deve ser para esquecer que depois do 25 de abril, essas FA apenas servem para defenderem interesses estrangeiros em países distantes a mando da NATO. Cito o colega jornalista Tomás Quental: *"Mas eu pergunto: para essa celebração era mesmo necessário "encher" a cidade com viaturas dos três ramos das Forças Armadas, desde meios aéreos a meios terrestres de combate? Se é para afirmar a soberania portuguesa nos Açores, era desnecessário, porque os açorianos, na sua maioria, gostam de ser portugueses. Diria até que existem muitos açorianos que se sentem mais portugueses do que muitos continentais, a quem ouço dizer com frequência "entreguem isto a Espanha"... Se é para "embelezar" a cidade, também era desnecessário, porque a urbe tem beleza quanto baste, bem patente, nomeadamente, em monumentos, praças, avenidas e ruas repletas de edifícios de arquitetura bela e única, com uma frente de mar que lhe confere uma panorâmica invejável. Se é para mostrar aos açorianos o que são meios militares, também me parece objetivo obviamente desnecessário. Quando o Estado português assume não ter verbas para construir uma nova cadeia na maior ilha açoriana, São Miguel, em que o estabelecimento prisional existente com 150 anos é uma vergonha em qualquer parte do mundo, proporcionando condições infra-humanas, é claramente uma falta de bom senso essa ostentação de meios militares, só possível com muito dinheiro. Não aprecio e critico."*

Um país de desigualdades, injustiça e corrupção descontrolada que rouba dez anos de serviço aos professores e diz não ter dinheiro para lhes pagar, desperdiça milhões em fogos-fátuos de antigo Império à deriva como escreveu Patrick Wilken. Claro que para a maioria dos portugueses e dos açorianos quaisquer noções de uma total autonomia (leia-se independência) é anátema, mais fruto da ignorância das situações do que por meras razões políticas. Sempre se cumpriu a profecia – sabiamente preparada - de que quanto mais dependentes de subsídios melhor acarneirados estariam os açorianos. De todos os habitantes são eles os mais subsidiados, totalmente dependentes de subsídios que servem para perpetuar o voto nos que os governam, qualquer que seja o partido ou a cor política. Para os portugueses nem sequer se põe a hipótese de abdicar das "ilhas adjacentes", muito menos agora que estão prestes a acrescentar milhares de km² à plataforma portuguesa marítima com todas as riquezas que a profundidade destes mares encerra.

Nesta data a Fundação Francisco Manuel dos Santos, através do seu Projeto "Pordata" fez um estudo intitulado "Retrato dos Açores", no qual deu a conhecer dados preocupantes sobre a nossa

realidade insular. No que diz respeito, por exemplo, à Educação, ficamos a conhecer que a taxa de abandono escolar dos jovens com idade fixada entre os 18 e os 24 anos é mais do dobro da média nacional. Em relação aos jovens com mais de 15 anos, verificamos que 7 jovens em cada 10 não completa o ensino secundário, valores muito piores do que em qualquer outra região de Portugal. O ensino que temos atualmente é o fruto de muitas “experiências” anuais infelizes, desde os alunos transitarem sem sequer saberem ler a outras, e agora os resultados estão à vista. Acrescente-se o facto de muitos pais não terem instrução (a velha 3ª classe era a norma e agora será o 6º ano das “Novas Oportunidades”) nem interesse em acompanhar os filhos, o resultado será sempre o de insucesso escolar e total fracasso das políticas educativas, por melhores professores que possa haver (também os há, mesmo que sejam uma minoria). Infelizmente, trabalhamos para a estatística. Os bons alunos sempre o serão, mas os restantes são a maioria.

Este o país em que vivemos, onde há um mês se discutem os problemas do futebol e de um clube autofágico rumo à fossa de Mindanau, e raramente se discutem os verdadeiros problemas do país: educação, saúde e justiça. Sempre longe da corte hoje os açorianos vão ter as imagens televisivas em que serão retratados e irão usar e abusar do seu voyeurismo, já totalmente acostumados a novos paradigmas de vida em que deixaram de ser escravos pela via física para o serem pela via da mente. Quando hoje um colega e amigo, professor continental, que até cá esteve uns anos a lecionar em mais do que numa ilha, me diz que somos todos portugueses de regiões diferentes, tive uma visão passadista que me fez lembrar um país uno e indivisível do Minho a Timor! E deu-me um arrepio pois esse é o argumento mais comum dos continentais quando confrontados com a minha sede de uma verdadeira autonomia açoriana (aqui não falei de independência, mas de verdadeira autonomia, em federação ou outra espécie de união entre iguais e não pactos leoninos).

A minha guerra não é esta, mas a da defesa e expansão da língua portuguesa e apenas me manifesto como cidadão residente do arquipélago. E é por tudo isto que este 10 de junho me diz ainda menos do que noutros anos em que se chamava “dia da raça”. Não irei ao beija-mão, nem verei as belezas que os açorianos vão mostrar ao corpo diplomático estrangeiro acreditado na capital do Império, continuarei a amar os Açores e a sonhar com o dia em que serão autónomos e pares inter pares com a “metrópole”, o continente”, donos do seu destino e quiçá orgulhosos da sua herança ou origem portuguesa. Claro que sei, e nisso concordam alguns nativos, que há provincianismo e falta massa crítica e intelectual, e muitos temem a verdadeira autonomia e mais ainda a independência.

Um Governo Regional autêntico, sem ser filial de Lisboa, reclamando a verdadeira autonomia sem se arvorar em defensor dos interesses dos que sempre exploraram os ilhéus, sombrios e persistentes personagens que perenizam monopólios. Arrivistas com iniciativas pequenas e isoladas. Limitadas como as ilhas e o país. A autonomia vive-se em círculos muito restritos, e em escritores e “expatriados” em Portugal e nas Américas. Surgirá - cremos, um dia -, não à mesa do café, mas da escrita, da “elite esclarecida” (à falta de melhor adjetivação) qualquer movimentação nesse sentido. Haverá elites pensantes açorianas para além das que se emproam em encontros de intelectuais representando a final-flor dos que têm direito a nome no jornal? Uns pararam no tempo, outros andam em busca dele, que nunca à frente. A população não os segue nem os entende. Nem mesmo os ditos. Apenas ufanos por preencherem as revistas cor-de-rosa? Todos. Incapazes de congregarem mentes, mentem sem insistirem no tema. Temerosos de perderem a caleche em que se pavoneiam na avenida marginal tal como os antepassados de 1890.

Agora, compete aos mestres da palavra fácil indoutrinarem e mostrarem o caminho da Atlântida perdida a que chamam autonomia. Só então cortarão os cordões umbilicais, alcançando a independência dos que escrevem e partilham a açorianidade. Com a sagesa dos seus conhecimentos sonharão o momento de libertação tal como inventaram a literatura açoriana para que ninguém se esquecesse deles e o mundo não os deixasse para trás na sua voragem.

Já depois disto escrito

PS - [André Couto](#) Ehehehhe ... Se foram povoadores não se podem colonizar a si próprios 🤔



[Chrys Chrystello](#) podem podem....basta estudar ciência política...noções elementares meu caro...é como os pobres a agradecerem as migalhas que os senhores lhes atiram das ameias do castelo...

([André Couto](#) Meu caro sou formado em Ciência Política e Relações Internacionais, e gostaria que me indicasse qualquer tese científica que defenda esse absurdo!

Cumprimentos 😊)

Disseram-me agora que os Açores foram povoados e não colonizados...para o caso de ser ignorante e não saber...., isto talvez ajude: Na Wikipedia podemos ler e eu concordo:

https://pt.wikipedia.org/.../Coloniza%C3%A7%C3%A3o_de_povoame...

Colonização de povoamento ou colonialismo de povoamento, também referido como colonialismo de ocupação, refere-se a uma modalidade de formação colonial centrada na ocupação da terra ou do território. Historicamente, é promovida por um Estado nacional, que envia seus naturais (homens, mulheres e crianças) a um determinado território situado no exterior a fim de lá estabelecer uma presença perene e autônoma e construir uma sociedade economicamente viável, geralmente baseada na agricultura e no comércio. Esse tipo de colonização opõe-se à forma feitoria, bem como à forma colonização de exploração.

Desde o início da Idade Moderna, vários estados europeus adotaram políticas coloniais, competindo uns com os outros para estabelecer colônias fora da Europa - inicialmente nas Américas e depois na Ásia, África e Oceania. Esse colonialismo moderno resultou na conquista do Novo Mundo e na formação das primeiras colônias de povoamento europeu, que estão na origem dos Estados Unidos, Canadá, Austrália, Nova Zelândia, bem como da América do Sul, África do Sul e Namíbia (correspondentes à antiga Colônia do Cabo). Nesse processo, a população autóctone é submetida, deslocada ou fisicamente destruída (genocídio). O mesmo modelo de colonização seria aplicado nas cidades de Hong Kong e Macau, em Singapura e no Sudeste Asiático. Segundo Ilan Pappé, o colonialismo de povoamento é essencialmente um projeto de substituição e deslocamento; de assentamento e expulsão [de populações]. Baseia-se na desumanização e na eliminação [de populações autóctones]. Trata-se, enfim, de ajudar um grupo de pessoas a se livrar de outro grupo de pessoas. [Colonização de povoamento – Wikipédia, a enciclopédia livre](#)

Colonização de povoamento ou colonialismo de povoamento,[1] também...



[Chrys Chrystello](#) nota do autor: é triste quando os povoadores que foram e são colonizados nem se apercebem de serem e estarem ainda a ser colonizados...